

Literatura, Filosofia e Psicanálise: Entre-lugares, encruzilhadas, dobras

Alexandre Fernandes (IFBA)
Aryadne Araújo (UESC)
Carla Rodrigues (UFRJ)

Apresentação

Afirmando a inclinação da poesia “do norte” à expressão da dor, Madame de Staël (1766–1817) observa, nessa tendência, uma afinidade entre poesia, filosofia e aquilo que viria, séculos à frente, a se estabelecer como tema caro à psicanálise, ao propor que “a poesia melancólica é a que está mais em consonância com a filosofia” (Staël, 1992, p. 58). Embora seu texto doutrinário idealize a diferença entre a poesia do norte e a de origem greco-latina, ao atestar uma intimidade entre determinada literatura e o pensamento filosófico, esse liame, recuperado no século XIX, incita-nos a um anacronismo na percepção da melancolia como rastro de um tempo “*out of joint*” — para falar com Derrida (1995) —, não da psicanálise propriamente dita, mas de seu porvir: um rastro que sutura literatura e filosofia ou, ainda, que atua como mola propulsora de uma poética do pensamento filosófico.

Em prefácio à tradução brasileira do seminal *Luto e melancolia*, de Sigmund Freud, Maria Rita Kehl (2013) lembra que a longa tradição ocidental, que associava ao “gênio” poético o humor oscilante do melancólico – entre o extremo da sua condição e o “polo antípoda” da mania –, não havia, certamente, sido ignorada pelo criador da psicanálise na escolha desse significante para “desafiar a psiquiatria de sua época” (p. 23). Três anos após a publicação desse ensaio de 1917, em *Além do princípio de prazer*, Freud (2019) encontra, na epopeia romântica de Torquato Tasso, *Jerusalém libertada*, “a figuração poética mais comovente de semelhante traço fatídico” (Freud, 2019, p. 71) com a compulsão à repetição do trauma nos atos inconscientes do sobrevivente. Na epopeia, o herói Tancredo mata, sem saber, sua amada Clorinda disfarçada/travestida de um cavaleiro inimigo. Após esse “primeiro” sofrimento, ele se depara com sangue a jorrar da árvore que golpeia com sua espada, seguido do lamento de Clorinda, como se o corte na árvore repetisse o ferimento fatal, fazendo o trauma retornar em outro gesto.

Demos um salto ao final no século XX para observar um movimento inverso – de incursão da psicanálise no discurso literário – na narrativa pós-moderna de D.M. Thomas, *O hotel branco*, em que o arquivo freudiano (cartas, hipóteses/teorias da histeria, do trauma, da sedução, da fantasia) é desviado, dissolvido e ficcionalizado na trama protagonizada por uma mulher judia que narra fantasias eróticas a seu analista, Freud, enquanto os horrores da Segunda Guerra constituem o pano de fundo da ficção. O romance, lembra-nos Linda Hutcheon (1988), desafia a leitura psicanalítica das causas do adoecimento da protagonista – que não são da ordem de um passado psíquico individual, mas de um futuro coletivo, sofrido, exemplarmente, no corpo singular de uma judia em determinado presente histórico.

Nesse momento, alcançamos não somente a intersecção dos arquivos reais e ficcionais da psicanálise no discurso literário, mas somos guiados à encruzilhada do pensamento de Jacques Derrida, filósofo franco-magrebino de origem judaica, leitor de Freud, cujo interesse pela literatura se recrudesce na sua paixão pela língua, pela

palavra/escrita idiomática intraduzível a-traduzir que encontra sua expressão maior no poema. Conforme o filósofo, a pergunta sobre a essência – “o que é ...?” – do poema “chora” seu desaparecimento (Derrida, 2001, p, 116), pois, longe de portar uma essência, a escrita poética e literária se desdobra (e se dobra em torno de ‘si’) no rastro de diferença, da alteridade – o poema é o outro, o outro da prosa, da filosofia. O pensamento de Jacques Derrida também se inscreve nesse entre-lugar, nem filosófico, nem literário e, ao mesmo tempo, um e outro (e outro...). Em *Béliers*, o pensador franco-magrebino (2003) refaz a aliança entre a literatura, a filosofia e, ainda que laconicamente, a psicanálise – ao evocar a dicotomia freudiana do luto/melancolia na leitura do verso de Paul Celan “*Die Welt ist fort, ich muss dich tragen*” (O mundo está longe/acabou, eu tenho de te portar/carregar). A aliança se delinea, metonimicamente, no movimento circular de um eterno retorno, em torno da circuncisão de três corpos judeus e da circunscrição de seus corpos textuais (filosófico, poético e psicanalítico), um carregando o outro – o pensamento de Derrida que porta o verso de Celan, em volta do luto e de um certo *corpus* da psicanálise.

Nessa introdução do outro – literário, psicanalítico ou filosófico – e no limiar impreciso onde se confundem os discursos, vislumbramos o espaço profícuo para discussões em torno dessa aliança. É, portanto, nesse entre-lugar que tomam forma as encruzilhadas e as dobras sobre as quais os textos que compõem este dossiê lançam luz. A reflexão que inaugura o diálogo, intitulada *(Des)encontros entre a psicanálise e a literatura: um breve panorama histórico*, propõe uma leitura das interfaces entre esses dois campos, apontando suas divergências e buscando compreender as confluências nas abordagens que rompem com práticas interpretativas voltadas à patologização dos personagens e do autor. Na sequência, o artigo intitulado *A interpretação analítica, a política da falta-a-ser e uma interposição da poesia concreta* discute os fundamentos da interpretação e da política da psicanálise a partir do ensino de Lacan nos anos 1950, em diálogo com teóricos e poetas concretos brasileiros.

Em *Muniz Sodré: quando a diferença levita*, propõe-se uma leitura desconstrutora da narrativa “Diferença”, analisada como texto alegórico e signo disseminante, no qual a significação se constitui como processo, e não como verdade. Em *O conto catatônico ou a estética quadricular de Maura Lopes Cançado*, problematiza-se a interpretação de obras literárias de autores diagnosticados psiquiatricamente, tomando a autora como caso exemplar e deslocando, a partir do conto “No quadrado de Joana”, o enfoque clínico para a forma estética. Já *Uma poética da melancolia: a embriaguez de sair de si em Thomas l’Obscur* articula a escrita de Maurice Blanchot a uma poética da fronteira entre o ser e o não-ser, analisando a narrativa como escrita de limite que encena o esfacelamento da identidade, a recusa da literatura como representação e a dispersão do sentido.

Com base nas noções de testemunho e de tradução como sobrevida, *Uma vasta ferida em forma de nação: tradução, trauma e testemunho da violência de Estado nas vozes dissidentes em Cantoras, de Caro de Robertis* demonstra, por meio de análise comparativa, como o trauma sobrevive transformado na narrativa em outra língua. Em *O arquétipo do pássaro no poema “O canário”, de Severina Branca*, o poema é examinado a partir da figura do pássaro enjaulado como expressão de inquietações filosóficas e existenciais, articulando aspectos formais a elementos biográficos da autora com o suporte da fenomenologia literária e dos estudos de gênero e decoloniais. Encerrando o dossiê, *O que se esconde atrás da página? Psicanálise, Sedução e Literatura de Terror* propõe uma leitura psicanalítica de *O Iluminado*, de Stephen King, a partir da identificação de “notas dissonantes” que tensionam a coerência da narrativa, refletindo criticamente sobre a própria leitura psicanalítica da arte e sua dimensão “sedutora” na atribuição de sentidos.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Béliers** : Le dialogue ininterrompu: entre deux infinis, le poème. Paris: Galilée, 2003.

DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia? Tradução de Tatiana Rios e Marcos Siscar. **Inimigo Rumor**, [S. l.], n. 10, p. 113-116, 2001.

DERRIDA, Jacques. The time is out of joint. In: HAVERKAMP, Anselm (ed.). **Deconstruction is/in America**: a new sense of the political. New York: NYU Press, 1995c. p. 14-38. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt9qfqqx.6>. Acesso em: 29 nov. 2025.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HUTCHEON, Linda. **A poetics of postmodernism**: history, theory, fiction. New York: Routledge, 1988.

KEHL, Maria Rita. Melancolia e criação. In: FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 9-32

STAEL, Madame de. A poesia do norte e a poesia do sul. In: GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. **A estética romântica**: textos doutrinários comentados. São Paulo: Atlas, 1992.